# CINFÃES
## (São Cristóvão de Nogueira)

São Cristóvão de Nogueira é uma freguesia do concelho de Cinfães, distrito de Viseu, e localiza-se junto ao rio Douro. A igreja de São Cristóvão dista cerca de 6 km da sede de concelho. Sair de Cinfães pela estrada N321 e tomar a estrada N222. Andar cerca de 5 km e virar à esquerda e 150 m à frente virar novamente à esquerda, onde se localiza a igreja de São Cristóvão.

O enquadramento da igreja de São Cristóvão é rural, a meia encosta, respeitando a orientação canónica. Está rodeada de pequenas habitações rurais e de campos de cultivo.

A presença humana nesta localidade está documentada desde a Idade do Ferro, evidenciada nos vestígios de diversos castros. A reorganização do território de Cinfães, no século XI, deveu-se a Fernando Magno. O culto cristão era então atestado pelas invocações de santos mártires, como São Cristóvão e São Lourenço. Esta freguesia de São Cristóvão de Nogueira tem origem na "terra" medieval de São Salvador, referida já em 1070, e que fora fragmentada, nas centúrias seguintes, nas freguesias de Cinfães e São Cristóvão de Nogueira.

## *Igreja de São Cristóvão*

A VILA DE *NUGARIA* com seus termos surge referida na doação de bens que Fernando I de Leão fez ao mosteiro de Guimarães em 1059.

A edificação da igreja de São Cristóvão parece datar de finais do século XIII, inícios do XIV e terá sido erguida sobre uma construção anterior.

Nas Inquirições de 1258, o território era designado como julgado de São Salvador de Nogueira e aí se localizava uma igreja. Os inquiridos afirmavam que o padroado da igreja de São Cristóvão era de *milites*, ou seja, de cavaleiros. Estas inquirições referem-se a um *monasterii Sancti Christofori do Nogaria*, mas desconhecem-se documentos que

*Perspetiva aérea a partir de noroeste*

comprovem a sua existência naquele local. No entanto, como Nogueira era uma honra da estirpe dos Gascos, poderiam ter fundado aí um cenóbio, depois reduzido a igreja. A *villa* propriamente de Nogueira era honrada, era de cavaleiros e das Ordens Religiosas. Estas inquirições também dão destaque às pesqueiras que pululavam nos riachos da freguesia de São Cristóvão.

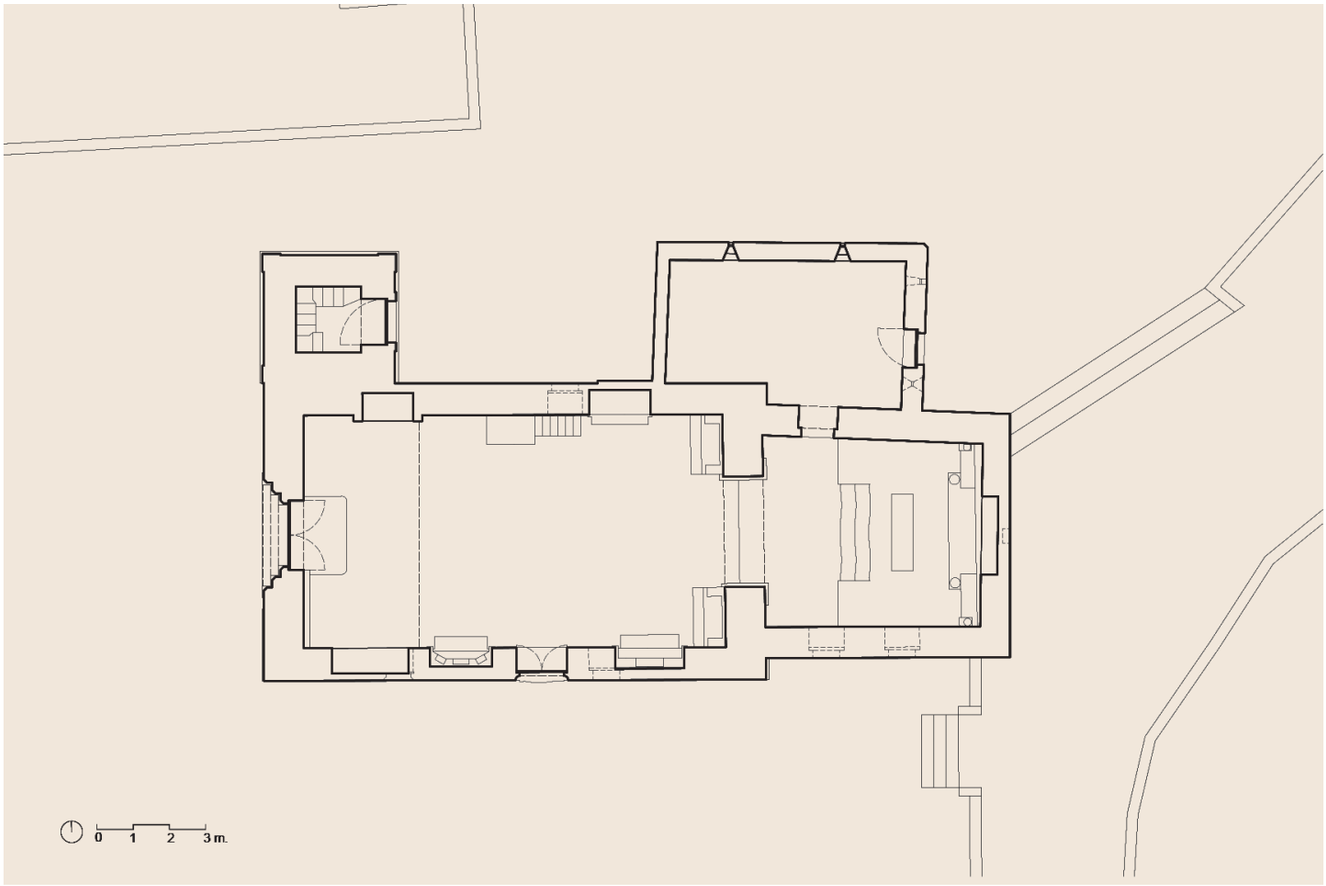
Segundo o Catálogo das igrejas, comendas e mosteiros do reino, ordenado por D. Dinis em 1320, a igreja de São Cristóvão de Nogueira, do bispado de Lamego, foi taxada em 300 libras, na contribuição que deveria prestar para a Cruzada. Trata-se de um valor relativamente elevado no contexto das igrejas deste bispado, o que transparece que auferia proventos elevados. O valor mais elevado era pago pelo mosteiro das Donas de Arouca, taxado em 9 000 libras.

Durante o processo de criação de comendas novas, iniciado por D. Manuel a partir de 1514, os rendimentos da igreja de São Cristóvão de Nogueira foram convertidos em comenda da Ordem de Cristo. Em 1527, a pedido de D. João III, o papa Clemente VII promulga a criação da referida comenda. Segundo o *Livro das Comendas da Ordem de Cristo*, redigido em 1563, São Cristóvão de Nogueira era uma das comendas novas dos 20 mil cruzados e localizava-se no bispado de Lamego. Ao contrário do constatado para a maioria das outras comendas, não há neste livro qualquer referência ao seu comendador nem ao valor da sua avaliação.

Segundo as Memórias Paroquiais de 1758, a igreja dedicada a São Cristóvão era de apresentação régia e tinha quatro altares. No altar de São Cristóvão tinha uma imagem do santo "muito antiga". Uma visitação à igreja, em 1784, regista que a capela-mor fora reedificada, tendo a igreja sido objeto de outras remodelações.

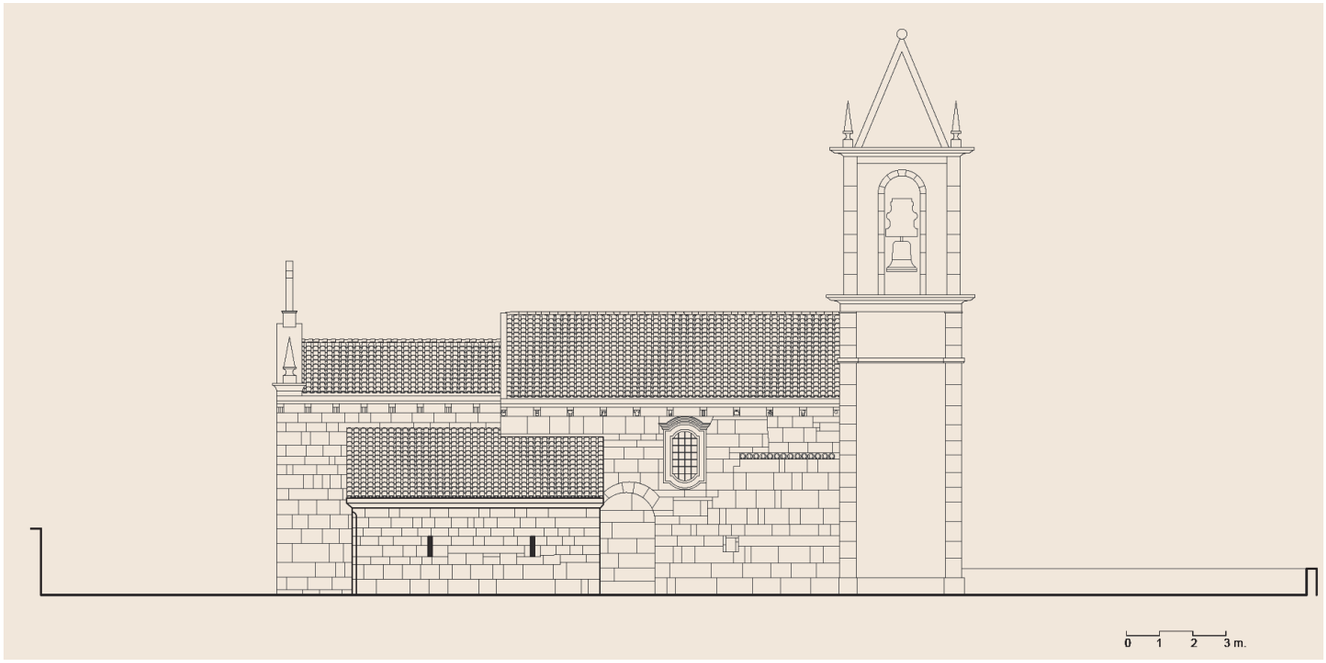
A igreja de São Cristóvão de Nogueira foi profundamente transformada na época moderna, quer ao nível da sua organização espacial, com o acrescento da torre sineira quadrangular junto da fachada oeste e da sacristia quadrangular a norte, como ao nível da composição interna do espaço litúrgico, pela conceção do teto de caixotões da abside ou dos vários retábulos que com a sua imaginária ainda permanecem no interior do espaço. A cronologia tardia de formação e consolidação da paróquia de São Cristóvão de Nogueira justificam a edificação tardia da igreja, talvez entre finais do século XII e meados do século XIII, assumindo-se assim com uma espacialidade mais próxima do gótico do que do românico. A nave única apresenta uma altura considerável e a cabeceira retangular resulta de uma reconstrução realizada entre 1779 e 1794. O arranjo dos portais

*Alçado este*




*Planta*

*Alçado sul*




*Alçado norte*

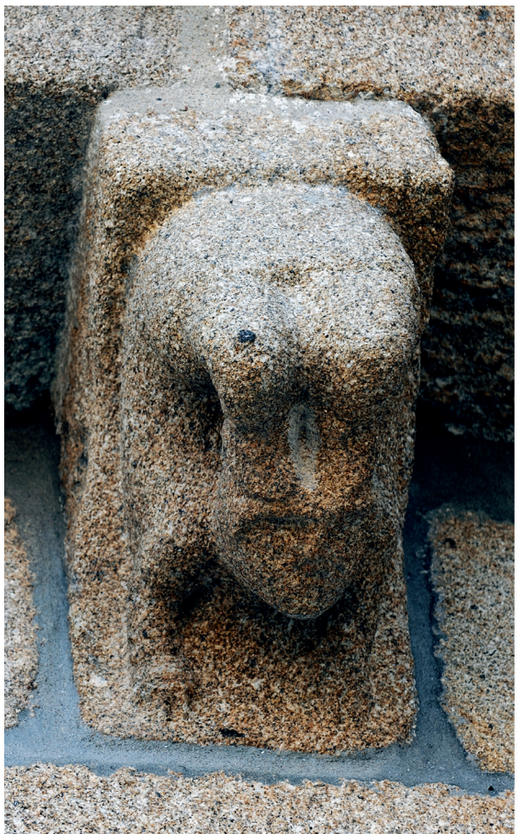
*Alçado oeste*

concorre para esta proposta. Contudo, não se tem invalidado a possibilidade de ter existido um templo anterior a este. A igreja foi edificada com aparelho pseudo-isódomo de granito e tem telhado de duas águas na nave e cabeceira e de uma água na sacristia. A torre, da época moderna, tem cobertura piramidal.

A parede testeira da nave apresenta como único vão de iluminação uma muito pequena fresta. Sobre esta vemos a cicatriz de um arco de volta perfeita. Poderia este ter correspondido ou a um arco rasgado no paramento ou a um arranjo mais monumental da fresta voltada a este. A insuficiência de dados que tal o justifiquem é um facto, mas não podemos esquecer que a mesma foi reconstruída em finais do século XVIII e que entendemos diante da necessidade de atualização do espaço da abside no seguimento das diretrizes emanadas do Concílio de Trento. O caráter uniforme do paramento envolvente da fresta confirma-o. Contudo, devemos notar que no terço inferior desta parede persistem fiadas de silhares de granito que, além da diferença de grão e de coloração, se mostram mais irregulares pelo que podemos questionar se estaremos diante das fundações do templo anterior. No alçado sul da cabeceira da época românica apenas persistem os cachorros de secção quadrangular ornados com motivos geométricos e que poderão resultar da intervenção de reconstrução. Será que poderemos ajuizar estarmos diante de uma vontade de se criar alguma unidade ao conjunto? A iluminação é feita por janelões caracteristicamente barrocos, com as suas grades de ferro e frontões curvos de sabor clássico.

Este modelo de iluminação repete-se no alçado da nave, do mesmo lado da igreja, tornando-se até mais variado ao nível das formas. A irregularidade dos silhares foi já notada por Maria Leonor Botelho e Nuno Resende, quer ao

*Alçado norte*



*Cachorros no alçado norte da nave. Acrobata e duas figuras humanas abraçadas*

*Alçado sul*

nível da dimensão dos mesmos, quer porque se identifica uma variação de grãos que testemunha uma utilização de granitos de natureza distinta. Da época medieval destaca-se o seu portal. A sua configuração confirma uma cronologia: não tem tímpano nem colunas, inscreve-se na espessura do próprio muro e é composto por arquivolta única quebrada com seu arco envolvente. Os elementos decorativos aqui presentes são pouco comuns ao românico. A arquivolta apenas apresenta elementos relevados no chanfro. Duas mãos cerradas, colocadas sobre ambas as impostas seguram uma chave(?). A aduela de fecho teve gravado um motivo que atendendo ao seu desgaste se torna de difícil leitura. Maria Leonor Botelho e Nuno Resende propuseram estarmos diante de uma inscrição, que pode traduzir-se em IHS (*Iesus Hominis Salvator*). O arco envolvente apresenta igualmente chanfro e um motivo geometrizado esculpido na sua base. As impostas são igualmente curiosas pois na do lado direito do observador vemos dois animais representados, cujo focinho se encontra na sua esquina. A do lado oposto mostra motivos fitomórficos. A diferença entre os motivos decorativos de ambos os lados da imposta, bem como algum desalinhamento entre as peças que a compõem, levam-nos a crer que se tratam de peças reaproveitadas nesta igreja. De igual modo, o motivo do chanfro da arquivolta leva-nos a crer, pela qualidade do talhe e pelas formas representadas, que o mesmo pode ter sido concebido posteriormente à conceção deste portal. Além disso, devemos notar nos silhares que suportam a imposta e que denunciam cicatrizes que poderão indiciar terem existido aqui diversas transformações. De notar ainda que no chanfro dos pés-direitos vemos ainda um prolongamento dos mesmos motivos vegetalistas e fitomórficos entrelaçados relevados do conjunto.

A cachorrada da nave apresenta-se ricamente esculpida, onde vemos representadas figuras humanas, diversos focinhos de animais, pipas e outros temas. Devemos enquadrá-los já num românico mais tardio, pois os bustos ou cabeças ocupam o quadro dos cachorros que são, ainda, de secção retangular. Como se sabe, no século XIII os cachorros chegam a mostrar simplesmente uma cara. A

*Cachorros da nave. Alçado sul*

*Portal ocidental*

forma como foram concebidos os cachorros de Nogueira é mais um testemunho evidente da cronologia tardia com que este edifício tem de ser entendido.

No alçado norte os motivos dos cachorros tornam-se ainda mais interessantes. Destaquemos a presença de duas figuras humanas abraçadas, do acrobata. De notar aqui que os cachorros são mais profundos que a cornija que sustentam onde, nalguns silhares, vemos a presença de um friso inciso desenhando denticulado. Estamos seguramente diante de peças reaproveitadas. Além disso, neste alçado, junto da torre e a meia altura, vemos um dos mais antigos vestígios da igreja. Aqui foi reaproveitado um friso, composto por um total de seis silhares onde persiste o tema das palmetas bracarenses e que resulta da simplificação da palmeta de tipo clássico, resumindo-se apenas ao seu contorno externo.

Na fachada oeste, além do granito aparente, da fábrica medieva persiste o portal principal. Trata-se, tal como o sul, de um exemplar tardio. Sem tímpano, ostenta três arquivoltas em arco quebrado e diretamente assentes sobre os pés direitos do muro. Embora as pérolas, ou meias esferas relevadas, que ornam as arquivoltas e os encordoados que dão corpo às impostas nos remetam para uma persistência românica, já as arestas chanfradas dos pés-direitos escalonados convocam a cronologia tardia da edificação desta igreja. A fachada oeste é rasgada por um janelão quadrangular coevo das transformações modernas na igreja.

No interior da igreja os vestígios da época românica são ainda mais parcos, atendendo ao facto de estarmos diante de uma igreja completamente barroquizada, dominada pela presença do coro alto, do púlpito e de todo o arranjo retabular. Resumem-se, assim, ao arcossólio rasgado no lado da Epístola, à entrada, onde se colocou uma pia de água benta, isenta, em granito.

Muito transformada durante a época moderna, a igreja de São Cristóvão de Nogueira conserva significantes vestígios da época românica. Os mais antigos, como o friso do lado norte da nave, confirmam a anterioridade de ocupação do lugar e a presença de um templo anterior ao atual. Mais recentes, os portais permitem ajuizar estarmos diante de uma igreja tardia, já edificada durante o século XIII e cuja cabeceira foi reconstruída na época moderna. É possível que a nave tenha sido então bastante transformada, não só como o confirmam os janelões barrocos, como também o indiciam alguns desajustes nos portais, no alinhamento e motivos decorativos da cornija, como nos cachorros, e que nos permitem confirmar diversos reaproveitamentos.

Neste contexto, não podemos deixar de mencionar a presença no adro, junto da igreja, do tímpano remanescente de São João de Cinfães, cujo desenho confirma a introdução de modelos românicos tardios na região, reconhecido por Maria Leonor Botelho e Nuno Resende. Segundo estes autores, é difícil perceber a sua cronologia por se encontrar destacado. Dominado por um arco polilobado, de que podemos encontrar um paralelismo, embora ao nível das aduelas, no portal sul de Rates, mostra um motivo central claramente românico, composto por uma cruz pátea, que por ter o pé inferior a direito mais parece uma cruz processional. Esta cruz é enquadrada por motivos vegetalistas. Embora este tímpano se encontre atualmente apeado, num canteiro lateral da igreja barroca de Cinfães, constitui para os mesmos autores um testemunho do período românico contemporâneo ou ligeiramente posterior à cisão da terra de São Salvador e da criação das paróquias de São Cristóvão e de São João Batista.

Em 2010 passou a integrar a Rota do Românico. Atualmente, serve de igreja paroquial.

Texto: MLB/JL - Fotos: RR - Planos: GM/MF/MS (sobre RR)

*Bibliografia*

ALMEIDA, C.A.F., 1978a, I, pp. 105-106; ALMEIDA, C.A.F., 1986b, p. 162; BOISSELLIER, S., 2012, p. 166; GEPB, 1935-60, XXVII, pp. 451-455; LENCART, J., 2018, p. 444; LMUMADONA, doc. n.º 45 (de 1059, p. 83) e doc. n.º 8 (de 1059), p. 226; MEM. PAROQ. 1758 (2010), pp. 247-252; PMH, INQ., pp. 945, 961 (de 1220); ROSAS, L.M.C. *et alii*, 2014a, pp. 30-53; ROTA DO ROMÂNICO; SIPA.